ESPECIAL MULHERES

Mulher e literatura

IMAGEM: YARA MITSUSHI

Uma visão limitada persiste na forma como a literatura feminina é avaliada no Brasil. De acordo com ela, as escritoras brasileiras estariam prioritariamente focadas em explorar questões de gênero, e não em tratar de temas literários abrangentes. O artigo mostra que, apesar de haver um jeito feminino de se fazer literatura, ele não se restringe às questões de gênero, mas engloba reflexões profundas, sensíveis e até transgressivas da sociedade instituída e de seu tempo.

por **Adriana Baggio**

Sou uma curitibana que viveu três anos em João Pessoa, capital da Paraíba. Naquela época, tive várias oportunidades de visitar as praias do Rio Grande do Norte. Por conta da proximidade, era meu destino certo nos feriados e em alguns finais de semana. Em uma das idas a

Natal, ao invés de seguir o caminho mais conhecido, pela BR 101, até a cidade, decidi entrar antes, à direita, no acesso para Nísia Floresta.

Esse trajeto alternativo para a capital potiguar é um pouco mais demorado, porém muito mais interessante. É preciso diminuir a veloci-

dade, pois os carros dividem a pista com pedestres, jegues e bicicletas. A vantagem de seguir devagar é que a gente tem tempo de parar o automóvel assim que avista uma espécie de monumento, bem à margem do asfalto. Vale a pena deixar a curiosidade vencer a pressa, parar o carro no

acostamento e ficar sabendo por que a cidade de Nísia Floresta recebeu este nome.

A filha ilustre do lugarejo foi uma das precursoras da literatura feminina no Brasil. Nasceu em 1810, casou-se duas vezes e viveu em Recife, Porto Alegre, Rio de Janeiro e na Europa, onde esteve próxima do pensador positivista Auguste Comte. O interessante em Nísia Floresta é que a diversidade de sua obra ajuda a explicar alguns aspectos que vêm à tona quando se fala em literatura feminina.

No artigo “A literatura feita por mulheres no Brasil”, a professora Nádia Battella Gotlib explica a trajetória de várias autoras brasileiras, inclusive a de Nísia Floresta. O primeiro trabalho da escritora potiguar foi uma adaptação do livro *Vindication of the rights of women*, da inglesa Mary Wollstonecraft. Nísia fez muito mais do que uma tradução, porque adequou o conteúdo da versão inglesa às características da sociedade brasileira e às especificidades dos seus papéis femininos, intitulado sua versão como *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, publicada em 1832.

Até morrer, em 1885, Nísia publicou outros livros com temáticas femininas, mas também escreveu ensaios, poesia, ficção e relatos de viagens. Ao contrário do que se atribui, muitas vezes, à literatura produzida por mulheres, Nísia não se ateu apenas aos assuntos do seu gênero. Se uma escritora conseguiu essa proeza mesmo no Brasil do século 19, com pouco ou nenhum acesso à educação e ao livre pensar e à livre expressão, é

Na tentativa de eliminar as diferenças entre o “jeito feminino de trabalhar”, considerado negativo no ambiente corporativo da época, as mulheres adotaram cabelos curtos, *tailleurs* sisudos e sem graça e aquelas terríveis ombreiras para deixar o porte mais ameaçador.

estranho que, mais de cem anos depois, ainda se julgue a literatura produzida por mulheres sob uma óptica limitada e restritiva.

Universalidade literária. O leitor pode se relacionar de várias maneiras com um livro que tem nas mãos. Pode apenas fruí-lo em um momento de lazer, ou refletir e questionar seu conteúdo. Indo um pouco mais além, também é possível analisá-lo a partir de seu contexto de produção, seja ele histórico, sociológico ou psicanalítico. A crítica passeia por esses aspectos. Ela pode focar mais na estética, na biografia do escritor, em outras diferentes teorias de análise. Ou seja, existem muitos caminhos para se abordar a obra literária.

Porém, o que algumas vezes criticam é uma tendência a se avaliar os livros escritos por mulheres a partir da existência ou não de temas relacionados ao “universo feminino”. Nesse contexto, o “universo feminino” diria respeito apenas às autoras ou ao público feminino, não sendo de interesse de um espectro mais amplo de leitores.

Nunca percebi, nas prateleiras das livrarias ou nas resenhas críticas, uma classificação de “literatura masculina”. No entanto, os livros produ-

zidos por mulheres são incluídos, primordialmente, em um conjunto que limita e restringe seu potencial, sua abordagem, seu conteúdo. A consequência é uma atitude entre as escritoras similar ao que aconteceu com as executivas na década de 1980. Na tentativa de eliminar as diferenças entre o “jeito feminino de trabalhar”, considerado negativo no ambiente corporativo da época, as mulheres adotaram cabelos curtos, *tailleurs* sisudos e sem graça e aquelas terríveis ombreiras para deixar o porte mais ameaçador. Hoje, algumas autoras também tentam neutralizar o que há de feminino, ou melhor, de autêntico, em seu estilo e tema literários, para não serem enquadradas no rótulo.

Esse medo da classificação resulta do receio de que o livro seja julgado somente por ter sido escrito por uma mulher. As escritoras que reivindicam uma outra abordagem da literatura feminina não desejam que a diferença entre os gêneros seja ignorada. Muito pelo contrário. O que se espera é o reconhecimento de que essas diferenças também estão presentes na literatura e que não tornam o “modo feminino de ver o mundo” menos sério, interessante, inovador ou reflexivo.

O que algumas vozes criticam é uma tendência a se avaliar os livros escritos por mulheres a partir da existência ou não de temas relacionados ao universo feminino. Nesse contexto, o universo feminino diria respeito apenas às autoras ou ao público feminino, não sendo de interesse de um espectro mais amplo de leitores.

Afinal, nós existimos? Apesar de não ser especialista em teorias literárias, o assunto sempre me interessou. E quando vou falar de escritoras, posso apelar para bons exemplos disponíveis nas prateleiras da estante da minha sala. Um deles é Marina Colasanti, autora consagrada que já produziu de tudo: ensaios, contos, crônicas, poesia. Mesmo com esse reconhecimento, ela lança a questão: “Por que nos perguntam se existimos?”.

O tema foi discutido em um seminário nos Estados Unidos, em 1996, e o conteúdo da palestra faz parte da coletânea de ensaios da autora, reunidos no livro *Fragatas para uma terra distante*. Para ela, a pergunta do título, presença constante nas entrevistas de escritoras, pode ter tido sua razão de ser há algumas décadas, em virtude da escassez de produção, divulgação e conhecimento de livros escritos por mulheres.

No entanto, o questionamento feito hoje acaba parecendo mais uma dúvida sobre a capacidade das mulheres em se tornar escritoras do que uma abordagem do “jeito” feminino de escrever. Para embasar sua opinião, ela cita diversos dados sobre partici-

pação feminina na educação formal, na escrita e no consumo de livros.

Então, se as mulheres já adquiriram o ferramental necessário para se tornarem escritoras (“permissão” social, educação formal, vivências diversificadas etc.), por que subsiste o rótulo que as segregam nas prateleiras? Para Colasanti, a valorização e a legitimidade da literatura feminina implicam o reconhecimento de uma visão de mundo diferente, transgressora. Apreciar e dar crédito a uma voz dissonante das normas sociais vigentes representaria um perigo para a sociedade conforme ela é constituída. Nas palavras dela: “aceitando a literatura feminina, a sociedade estaria aceitando aquele modelo de mulher que ela própria tanto nega, e que com tanto esforço estamos tentando impor”.

A idéia de que existe uma incompreensão e desvalorização da literatura feminina, e de que isso é fruto da negação de um modelo diferente de papel da mulher, pode parecer paranóia para observadores menos atentos. No entanto, basta uma reflexão sobre o conteúdo de outros produtos culturais, como as novelas e a publicidade, para se per-

ceber que o estereótipo feminino ali representado está muito distante da mulher real e mesmo da imagem que as mulheres têm de si mesmas. Em um país onde poucas pessoas lêem a mensagem da literatura, dificilmente esta última vai conseguir alcançar a mensagem de outros meios mais influentes. Portanto, imagino que seja difícil para as escritoras encontrarem no pensamento coletivo uma correspondência do papel feminino presente na sua literatura, que é bastante diferente daquele tomado atualmente como padrão.

Papéis femininos literários.

As personagens de Clarice Lispector são bons exemplos de papéis femininos literários muito diferentes da visão ideal e estabelecida. No conto “Feliz aniversário”, a protagonista é uma mulher idosa, que comemora 80 anos com os filhos, genros, noras e netos. São pessoas fracas, hipócritas e interesseiras. Não há condescendência nem ilusão na opinião da velha sobre eles: “o tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria”. Também não há a conformação esperada em uma mulher dessa idade: “Que vovozinha que nada! – explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!”.

A aniversariante de Clarice Lispector não se encaixa no modelo de mãe, avó e idosa. Não é amorosa nem carinhosa. Renega a descendência. Possui uma família medíocre, que não lhe traz nenhum alento na proximidade da morte. Vive solitária, preo-

cupada com mesquinhas. Não tricota pacificamente no sofá e nem faz bolos para os netos. Uma imagem muito distante do ideal. Mas será que é tão distante assim da realidade de tantas mulheres velhas e amargas, que vivem abandonadas e encostadas em suas casas ou nos asilos? Aceitar que a maternidade seja frustrante para uma mulher e que uma senhora de 80 anos possa ter sentimentos tão duros e passionais transgride as normas determinadas para esses papéis sociais. E transgride mais ainda porque, se existe uma heroína nessa história, ela é a velha. Se você ler o conto, vai ver que os atos dela são vali-

dados positivamente pela lógica narrativa da história.

Eu tive contato com o “Feliz aniversário” por meio da antologia *Contos de escritoras brasileiras*, com textos selecionados por Lúcia Helena Vianna e Márcia Lígia Guidin. Estas iniciativas recebem, ao mesmo tempo, aplausos e pedradas. Os críticos argumentam que a coletânea só reforça a segregação e a rotulação. No entanto, pode-se tornar uma excelente oportunidade de tornar acessíveis ao público alguns textos de escritoras pouco conhecidas, de apresentar um panorama do conto feminino brasileiro e de discutir questões sobre literatura feminina.

A discussão é lançada na apresentação da antologia, que aborda diversos aspectos, inclusive um que já foi tratado aqui: “disporiam as escritoras de um glossário de imagens e figuras que lhes fosse predominante? Ou ainda: haveria nelas um interesse maior voltado para determinados aspectos do real?”. As organizadoras estimulam os leitores a chegarem por si próprios a essas conclusões, mas dão alguns exemplos que ajudam a seguir adiante no caminho da reflexão. Aliás, não seria a reflexão uma postura mais enriquecedora diante de qualquer obra artística ou literária, seja ela feita por homem ou mulher?

Um caminho mais interessante.

Todos nós sabemos que o contexto social, a biografia e as vivências pessoais contribuem e interferem na maneira como os escritores conduzem a história, constroem os personagens e defendem suas idéias. Mas acredito que é justamente esse o grande valor (e o grande perigo, para alguns) dos livros: eles nos permitem ter contato com pensamentos que talvez nunca fossem acessíveis por outros meios. Assim como a estradinha estreita que passa por Nísia Floresta em direção a Natal é mais bonita e interessante que a rodovia, enveredar por caminhos diversos daqueles que estamos acostumados traz muito mais riqueza. Uma riqueza de sensações, de idéias e de compreensão do mundo e, também, de nós mesmos.

Adriana Baggio

Publicitária

E-mail: adritulio@hotmail.com